



AVANÇOS E PERSPECTIVAS SOCIOEDUCACIONAIS NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Carley Rodrigues Alves¹
Márcia Brito Nery Alves²

GT6 – Educação, Inclusão, Gênero e Diversidade.

RESUMO

Neste artigo realizou-se um estado da arte dos avanços e perspectivas socioeducacionais nas religiões afro-brasileiras, sobretudo a umbanda. Para tanto, fundamentou-se em pesquisas realizadas por autores como Alves; Marques (2016), Barbosa Jr; Haerter; Bussoletti (2013), Bergo (2011), Castor (2013), Marques *et al* (2014), Novaes (2016), dentre outros. Os resultados permitiram analisar a importância e o papel das religiões afro-brasileiras nas transformações recentes e vindouras dos cenários socioculturais e educacionais brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Diversidade. Religiosidade. Umbanda.

ABSTRACT:

In this article a state of the art of socio-educative advances and perspectives in Afro-Brazilian religions, especially umbanda, was realized. For that, it was based on research carried out by authors such as Alves; Marques (2016), Barbosa Jr; Haerter; Bussoletti (2013), Bergo (2011), Castor (2013), Marques *et al* (2014), Novaes (2016), among others. The results allowed to analyze the importance and the role of the Afro-Brazilian religions in the recent and future transformations of Brazilian sociocultural and educational scenarios.

KEYWORDS: Education. Diversity. Religiosity. Umbanda.

¹ Doutor em Educação. Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Arapiraca. Coordena o Grupo de Pesquisa Sociedade, Natureza e Desenvolvimento no Agreste Alagoano (DGP/CNPQ). E-mail: carley@arapiraca.ufal.br

² Mestre em Geografia Regional. Professora da Faculdade Raimundo Marinho de Penedo – FRM. Coordenadora do Núcleo de Extensão – NEX/FRM. Participa do Grupo de Pesquisa Sociedade, Natureza e Desenvolvimento no Agreste Alagoano (DGP/CNPQ). E-mail: nex.penedo@frm.edu.br



INTRODUÇÃO

Dentre as religiões de origem afro-brasileira, a umbanda é considerada uma religião genuinamente brasileira (BARBOSA JR; HAERTER; BUSSOLETTI, 2013). Segundo os autores, ela foi anunciada em 1908, caracterizando-se pela junção de quatro segmentos da cultura Brasileira. Dessa forma, a umbanda seria composta de elementos do cristianismo, da doutrina Kardecista e pela influência direta de povos de origem indígena e africana, presentes na formação do Brasil. Dessa forma, pode-se mesmo afirmar que a umbanda traz consigo a ancestralidade negra, representada através do arquétipo das entidades dos pretos-velhos, espíritos de escravos negros brasileiros ou africanos. Representam, portanto, a sabedoria e o respeito pelos ancestrais.

A Umbanda é uma religião genuinamente brasileira, anunciada em 1908 pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, através do aparelho – pessoa que recebe as entidades na Umbanda – Zélio Fernandino de Moraes. Até então, não se ouvia falar a palavra Umbanda no Brasil, embora os fenômenos de incorporação, benzeduras, passes e manifestações de espíritos existissem desde sempre. (*Ibid*, p.153)

A presença da umbanda e de seus rituais na sociedade em geral, perpassa por nuances que revelam ora um total desconhecimento de suas origens e princípios, ora por cenários de violência e intolerância. Para Bergo (2011, p.238) “A umbanda, bem como outras religiões brasileiras de matriz africana, desperta interesse e curiosidade da sociedade, de modo geral, principalmente devido ao “exotismo” que esses olhares exteriores enxergam em sua prática, sobretudo aquelas ligadas aos rituais de iniciação”. É importante observar, sobretudo, que “A Umbanda é uma religião afro-brasileira que se caracteriza pela bricolagem de diversos elementos religiosos, que produz uma dinâmica própria, expressa a partir de suas giras, rezas, obrigações e pontos cantados. (PAZ; MESSEDER, 2016, p.1)

Para entender a origem das religiões de matriz africana, especificamente da umbanda, é necessário entender o encontro dos tipos de religiosidades, aos quais as pessoas tiveram contato durante a nossa história: no período colonial, no Império e posteriormente na República, a que se definia como oficial, o catolicismo dos colonizadores. E a negação da devoção dos índios nativos e as religiões dos africanos escravizados que foram trazidos compulsoriamente de diversas partes da África, para aqui serem escravizados. (NOVAES, 2016, p.2)



A compreensão dos processos educativos nas religiões afro-brasileiras depende da superação de inúmeros obstáculos que se situam na própria formação sociocultural brasileira. Superados todos estes obstáculos, “podemos entender então a umbanda como sendo um resultado da fusão do culto aos deuses africanos com o catolicismo e o espiritismo [...]. E como forma de estabelecer um elo de continuidade entre o mundo dos deuses e dos homens. (*Ibid.*, p.5).

OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NA UMBANDA

Bergo (2011) ao realizar uma incursão etnográfica no universo das práticas cotidianas da umbanda, utilizando a metodologia do estudo de caso, levanta uma importante questão sobre os processos educativos desta religião: O autor se questiona: O que um terreiro de umbanda tem a revelar sobre processos de aprendizagem? Para responder a esta pergunta, o autor se fundamenta nos conceitos de aprendizagem situada (LAVE; WENGER, 1991) e de educação da atenção e processo de habilitação (INGOLD, 2000). O autor considera os membros do terreiro como uma comunidade de prática específica, apresentando a questão da aprendizagem como parte do processo de vir a ser, de se produzir, umbandista. (*Ibid.*)

Assumindo a hipótese de que um terreiro de umbanda é, de fato, um contexto de aprendizagem, outro conjunto de perguntas foram gradativamente sendo formuladas: como se produz um umbandista? Havendo aprendizagem no terreiro, como ela acontece? Que práticas e saberes são partilhados naquele contexto? Em que medida e de que forma praticar umbanda oferece/estrutura possibilidades de aprender? (BERGO, 2011, p.23)

De acordo com Bergo (*Ibid.*), Os fundamentos religiosos que sustentam a aprendizagem na umbanda nem sempre ocorrem de forma explícita. Segundo o autor isto ocorre “porque os elementos que compõem tal processo não são universais, muito menos formalmente definidos”. Ainda segundo o autor, “eles se efetivam coletivamente, por imitação, observação, experimentação e por encorajamentos recíprocos, [...] uma forma tão ou mais eficiente do que a pedagogia da instrução (*Ibid.*, p.239-240). O autor observa também, quanto a educação das crianças que:

A maneira como o grupo infantil é tratado pelos adultos e a forma como interagem nas mais variadas atividades da religião evidenciam as concepções nativas de infância e também seus diferentes modos de compreender a aprendizagem. A observação participante realizada junto aos pequenos umbandistas teve como objetivo conhecer a forma como veem o processo de



iniciação nessa religião, como falam sobre isso, o que pensam, o que já sabem e, principalmente como sabem, como adquirem conhecimento, como praticam, dentre outros aspectos que estruturam a sua participação na comunidade religiosa. (BERGO, 2011, p.29)

O PRECONCEITO E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Oliveira (2014) apresenta a questão da intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras, como a umbanda e o candomblé, com representativa da cultura consumista, hegemônica e individualista, que se estabelece de forma violenta sobre o universo simbólico sagrado destas religiões. Para o autor, a umbanda, “desde sua oficialização em 1908, registrou avanços e retrocessos tanto no que se refere a sua influência cultural e política como no número de adeptos. Mas a intolerância religiosa e a parcialidade de determinados registros dificultam precisar o impacto dessa opressão na Umbanda atual”. (*Ibid.*, p.8). De acordo com Barbosa Jr; Haerter; Bussoletti (2013, p.158):

Vivemos em uma sociedade onde as padronizações se dão a partir de uma cultura europeia, branca e católica. A Umbanda é uma religião genuinamente brasileira, agregadora de etnias e não discriminatória em diversas questões. Torná-la visível e reconhecida entre todos é uma maneira de combater preconceitos e modelos pré-estabelecidos.

Segundo os autores, este debate, na atualidade, perpassa pela questão do multiculturalismo. Citando McLaren (2000) que atribui a uma “[...] mídia controlada por uma elite branca que tem ignorado as condições sociais e econômicas responsáveis pelas causas do que tem acontecido nas comunidades afroamericanas”, os autores anteveem as inúmeras barreiras a serem destruídas rumo a este cenário atual de violência e discriminação das religiões afro-brasileira, impedindo de se enxergar o seu papel e importância em termos socioculturais e educativos.

O PAPEL DA LEGISLAÇÃO

A questão legal que envolve o debate da importância das religiões afro-brasileiras no cenário sociocultural e educacional brasileiro, relaciona-se, do ponto de vista legal, em boa parte com os desdobramentos da lei de nº 10.639/03. Segundo Barbosa Jr; Haerter; Bussoletti (2013, p.156) “Em diversas escolas, a temática Umbanda, assim como relações raciais, é



simplesmente ignorada, como se algumas pessoas considerassem todos os brasileiros iguais, o que os caracteriza como católicos”. De acordo com os autores:

[...] desde sempre, que a religião católica é a única abordada pela grande maioria dos professores da disciplina Religião nas escolas –, e brancos, o que acarretou em uma lei de nº 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas do Brasil no âmbito da Educação Básica, pois até então esse tema era invisível aos insensíveis olhos dos educadores.

Não obstante os avanços que se observa no presente relacionados a legislação, fruto do debate em torno da importância e papel das religiões afro-brasileiras, como umbanda e o candomblé, na realidade sociocultural e educacional brasileira, há ainda muito o que superar.

[...] Mesmo com a intensidade do debate e combate ao racismo e a discriminação e do fortalecimento de mecanismos legais como é o caso da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório a temática “História e Cultura AfroBrasileira” no currículo oficial da rede de ensino, permanentemente vemos relatos onde essas religiões de matriz africana são apontadas como coisas demoníacas. (MARQUES *et al*, 2014, p.325)

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

De acordo com Castor (2013) as narrativas da umbanda apontam para uma aposta política na educação ambiental pós-crítica. Do ponto de vista teórico, para o autor, o debate sobre a violência e discriminação sofrida pelas religiões de matriz afro-brasileira ao longo da história, sugere um necessário diálogo entre as racionalidades coexistentes, tendo em vista a superação da condição vigente. Segundo o autor, a umbanda pode contribuir com a questão da educação ambiental, a partir do deslocamento de saberes hegemônicos que respondem por um *imprinting* cultural (Morin 2005), para novos saberes, contribuindo para uma Invenção de Si, conceito este que os autores trazem de Foucault sobretudo na década de 80, por ocasião dos seminários realizados no Collège de France. (*Ibid.*, p.4). De acordo com Castor (*Ibid.*, p.11)

Os fundamentos dos umbandistas são entrelaçados com a Natureza. Tudo na natureza tem uma conexão direta com seus fundamentos. O caldo cultural e plural dos seus fundamentos não se afasta dos elementos como o ar, o mar, os rios, as matas e as florestas, as folhas e as ervas. A fé ecológica umbandista se contamina da força dos orixás. A Umbanda acolhe e se nutre desse encontro, entre natureza e mito.



Neste sentido, do ponto de vista da reafirmação das identidades culturais, de acordo com Castor (2013, p.4), “O conceito de Invenção de Si permite interrogar um traço marcadamente arrogante de uma sociedade que se legitimou pela dominação e pela incessante desqualificação dos saberes que não corroborassem com seus cânones”. De acordo com o autor, “Para os Umbandistas Natureza, Fé e Cultura não se dissociam, vivenciam seus Orixás pelo e com os elementos da natureza, a sustentabilidade vivida nos seus ritos, rompe a lógica do individualismo por outro imperativo ético de ideias e de valores” (*Ibid.*, p.10). Sendo assim, estes novos horizontes da educação ambiental priorizados pelas religiões afro-brasileiras, culminam também com os processos de reafirmação das identidades afrodescendentes.

A UMBANDA NO ENSINO DA GEOMETRIA

Perine; D’Ambrosio (2016) sugerem o estudo da geometria dos símbolos sagrados da umbanda como uma das maneiras de se satisfazer, o parecer N° 003/2004 sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Por meio da utilização de régua, compasso e do software Geogébra, os autores demonstram as muitas possibilidades de se trabalhar com conteúdos diversos relacionados as religiões afro-brasileiras, criando as condições necessárias não apenas ao atendimento da legislação, mas, sobretudo, como forma de valorização da cultura. De acordo com os autores:

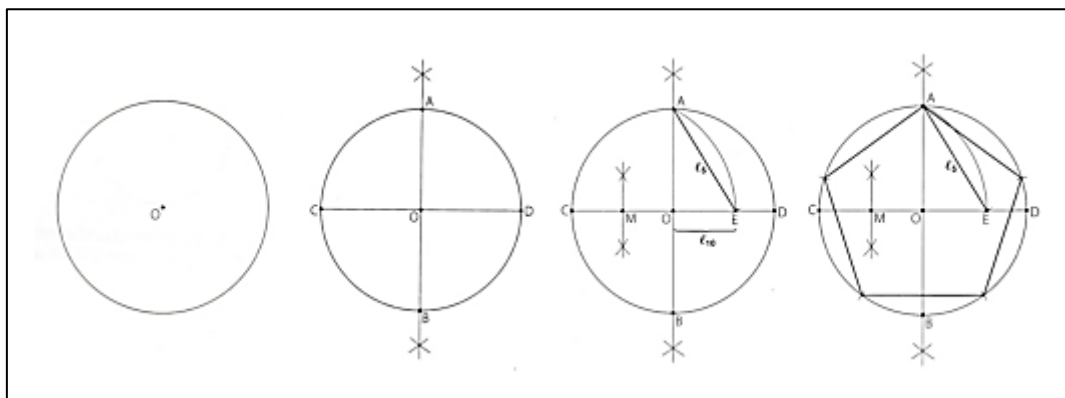
Após analisarmos, os símbolos utilizados na Umbanda, que tem em sua história as raízes africanas, contemplando o parecer 003/2004, percebemos que, esses símbolos têm muita geometria envolvida em suas construções, além das estrelas propriamente, podemos falar da construção de circunferências, de polígonos regulares, a inscrição desses polígonos na circunferência, além de noções do plano cartesiano.

E tudo isso pode ser levado para sala de aula, fazendo com que os alunos possam aprender matemática e um pouco da cultura africana. (PERINE; D’AMBROSIO, 2016, p.8)

Em seu artigo, os autores propõem a construção de um estrela de cinco pontas, como forma de apresentar o orixá Oxalá, sincretizado como Jesus Cristo, contextualizando, no estudo da geometria, a importância das religiões afro-brasileiras para a compreensão da formação da singularidade da cultura do País. Os autores propõem um passo a passo e o resultado, como se vê na figura 1, a seguir:



- 1 – Traçar a circunferência;
- 2 – Traçar dois diâmetros AB e CD, perpendiculares entre si;
- 3 – Determinar o ponto médio M de CO e, com o centro em M e raio MA, traçar um arco que determina E em OD;
- 4 – Tomamos no compasso a medida l e, a partir de A, marcar os pontos de divisão da circunferência em 5 arcos congruentes.
- 5 – Unir os pontos de divisão e obtemos o pentágono regular. (PERINE; D'AMBROSIO, 2016, p.6)



Fonte: (PERINE; D'AMBROSIO, 2016)

PROJETOS BEM SUCEDIDOS

Novaes (2016) realizou um estudo de caso em uma casa de umbanda no Rio de Janeiro, onde se desenvolve o Projeto Sucursinho, oferecido para jovens e adultos praticantes ou não da religião de matriz afro-brasileira. Segundo o autor, este tipo de projeto ocorrendo em espaços onde se cultua a umbanda e que visa oferecer apoio pedagógico a alunos com problema de defasagem ou evadidos dos espaços educativos formais, não é comum. No entanto, em seu estudo, percebe que o Projeto tem capacidade de contribuir não apenas para a reinserção dos indivíduos nos espaços formais, mas, também, de ampliar sua escolaridade (*Ibid.*, p.1). Neste contexto, Marques *et al* (2014, p.333), ao analisar a importância sociocultural e educativa dos terreiros, percebe que:

Há um paradoxo que precisa ser problematizado quando olhamos para os processos educativos formais, oficiais e hegemônicos nas sociedades modernas. O que se ensina ou se aprende nos terreiros deve ser considerado nos espaços formais de educação como é o caso da escola? As crianças dos terreiros estão lá, esse encontro deve revelar algo dessa necessidade. Os terreiros estão chegando às escolas. Importante também seria, se as escolas chegassem aos terreiros. Mas de onde vem o saber que se ensina sobre o candomblé e a umbanda?



O Projeto estudado pelo autor abarca desde o reforço escolar a cursinho preparatório para o ENEM, atuando na divulgação da cultura umbandista alicerçada na prática da caridade como dever social e princípio de moral. O Projeto também promove o desenvolvimento de trabalhos educacionais e sociais da comunidade na qual está inserida. (*Ibid.*, p.6). Neste sentido, ao evocar o educador Paulo Freire (FREIRE, 1998, p.121), para o qual a importância da práxis no processo educativo, que promove a reflexão sobre a ação prática do indivíduo como alimentadora do processo de aquisição de saber é primordial, enfatiza que:

As experiências educativas comunitárias no “terreiro” de prática religiosa afrobrasileira, completa assim, um conjunto de significações que tenta compreender a problemática social, política e cultural do ponto de vista da complexidade dos sujeitos que usam esse espaço para se inserir numa lógica para além da religiosidade, e sim da lógica capitalista que organiza os papéis sociais. (NOVAES, 2016, p.5)

De acordo com o autor, na medida em que a prática de umbanda é essencialmente coletiva, os processos educativos se efetivam, dessa maneira, coletivamente. Este processo, *a priori*, se dá “a partir de diferentes estratégias de observação, de ação e por encorajamentos recíprocos, no qual o papel dos dirigentes é orientar e estimular as atividades de cunho religioso e de promoção social, pessoal e profissional, como o Sucursinho”. (*Ibid.*, p.8)

Dentro do trabalho desenvolvido no projeto Sucursinho, o objetivo primordial é assimilar a diversidade de conhecimentos, com preocupação é conhecer as variadas linhas de conhecimentos e saberes. Não há uma concepção do saber como algo estático, parado no tempo, mas inserido num movimento que transforma continuamente seu conteúdo e suas abordagens. Ligada a esta concepção de construção do conhecimento como um processo dinâmico e plural, está a intenção de democratização dos saberes, neste espaço. (NOVAES, 2016, p.7)

De acordo com o autor, a dinâmica deste processo de organização da participação em vista da aprendizagem, “deixa claro a dimensão que este tipo de relação, umbanda/educação, nas facetas não formais adquire em se tratando de uma religião como a umbanda, construída a partir de práticas religiosas afro-brasileiras”. (*Ibid.*, p.9)

Marques *et al* (2014) ao levar o debate ao nível do aprendizado das crianças dos terreiros de candomblé e umbanda, verifica que estes processos estão ancorados em saberes tradicionais alicerçados na oralidade e suas interfaces com a natureza. Segundo os autores:

A discursividade presente neste artigo refere-se à presença de crianças em processos de aprendizagens das práticas ritualísticas em terreiros de candomblé e umbanda no Semiárido do Brasil. Ao mesmo tempo que pensa a educação nesses complexos espaços, infere uma análise sobre uma



ecologia profunda experimentada nos fundamentos dessas religiões de matriz africana. (*Ibid.*, 2014, p.321)

O ESTUDO DA LÍNGUA YORUBÁ

Alves; Marques (2016) ao estudar a importância da língua yorubá como elemento agregador da memória ancestral das religiões afro-brasileira percebe que o povo de santo, por meio da língua, experimenta modos de afirmação de suas identidades afrobrasileiras. Citando Castro (1983), os autores enfatizam que a partir da chegada dos africanos nos territórios de Pernambuco e Bahia, deu-se início a um processo de entrecruzamento de elementos linguísticos das nações Ketu e Angola (yorubá e banto), que está na origem da construção das identidades das religiões de matriz africana na atualidade. No estudo, os autores enfatizam os processos educativos em uma perspectiva contextualizada. Neste sentido, de acordo com os autores:

Por educação contextualizada, desde já, assume-se aqui a ideia de que se trata de uma posição ética e uma compreensão em relação aos processos formativos do outro, que sempre traz marcas de uma história compartilhada, de um lugar vivido, de linguagens e saberes próprios. (*Ibid.*, p.66)

A língua yorubá também pode ser analisada como elemento definidor das características identidades das diferentes nações das religiões afro-brasileiras. De acordo com Alves; Marques (2016, p.72) de alguma forma, a língua “define a nação do terreiro, na sua maioria ketu, herança dos negros africanos trazidos para o Brasil na condição de escravos”. Esta característica da língua, na medida em que se ressignifica, “são aprendidos pelos integrantes da comunidade do candomblé dessa região do Sertão [onde se realizou o estudo] pela tradição oral e constitui elemento fundamental na afirmação da identidade negra ligada ao candomblé. (*Ibid.*, 2016, p.72).

Evidencia-se, portanto, a necessidade de compreender a língua yorubá como esse elemento que vincula o passado e o presente no cotidiano dos terreiros, fazendo filhos e filhas de santo fortalecerem suas identidades num tempo disperso e criarem laços que reforçam seu pertencimento como afrodescendentes e, portanto, herdeiros de um cabedal de fazeres/saberes merecedores de respeito e admiração. Essa necessária compreensão deve fazer parte também dos esforços das escolas e ou dos dispositivos educativos que se debruçam sobre a educação contextualizada. Compreender a história, os enredamentos linguísticos e os saberes de povos tradicionais é condição *sine qua non* para uma educação que se queira contextualizada. (*Ibid.*, p.73)



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em função dos resultados obtidos com a pesquisa, pode-se concluir que as dimensões sociocultural e educacional da formação histórica do País, deve ser compreendida não apenas pelo viés da cultura hegemônica, mas, sobretudo, buscando valorizar a presença dos povos africanos e indígenas que respondem pela complexidade e riqueza de nossa cultura. Do ponto de vista cultural e educacional, as perspectivas que se descortinam revelam para além das questões relacionadas aos avanços na legislação, cenários onde as religiões afro-brasileiras se firmam e se reafirmam em sua importância sociocultural, histórica e educacional. Como ressaltam Barbosa Jr; Haerter; Bussoletti (2013, p.158), “Compreender os elementos formadores da cultura de um povo é fundamental para que nos reconheçamos enquanto história. A Umbanda traz consigo, dentre as diversas vertentes que a constituem, a etnia negra como importante consolidadora de seus preceitos de caridade e fraternidade”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Rosa Almeida; MARQUES, Juracy. Africanidade e identidade yorubá nos terreiros do sertão: a força da tradição oral. **REVASF**, Petrolina, PE, vol. 6, n. 10, p. 65-74, jul. 2016.

BARBOSA JR, Hécio Fernandes; HAERTER, Leandro; BUSSOLETTI, Denise Marcos. A representatividade negra nos tambores da Umbanda. **Revista Identidade!** | São Leopoldo | v.18 n. 2 | p. 152-159 | jul./dez. 2013 | ISSN 2178-0437X.

BERGO, Renata Silva. Quando o santo chama: o terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática. **Tese de Doutorado**. Belo Horizonte. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Abril - 2011.

BRASIL. Parecer 003/2004. De 10 de março de 2004, **Diário Oficial da União**. Brasília, DF de 19 de maio de 2004.

CAMPBELL, Joseph, **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

CASTOR, K. G. . Educação ambiental e narrativas da umbanda: tramas possíveis em diálogo para a invenção de si. In: I Seminário Currículos, Culturas e Cotidianos, 2013, Vitória. **I Anais do Seminário Currículos, Culturas e Cotidianos**, 2013.

FLORES, Cláudia R., **Cultura visual, visualidade, visualização matemática: balanço provisório, propostas cautelares**, **ZETETIKÉ – FE – Unicamp – v. 18, Número Temático 2010**, p. 271-294.



FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 8. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1998. (Coleção Leitura).

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill.** New York: Routledge, 2000.

LAVE, Jean, WENGER, Etienne. **Situated Learning.** Cambridge: Cambridge University Press (CUP), 1991.

MARQUES, Juracy; NOVAES, Joaquim; PIRES, Iva Miranda; XAVIER, Kerly Mariana Marques; SILVA, Wellington Amâncio da; TOMAZ, Alzení de Freitas. A pele do orixá: infância, educação e ecologia nos terreiros de candomblé e umbanda de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), Brasil. **Anais do 2º Seminário Internacional de Ecologia Humana.** Volume 1, Número 1. Salvador: EDUNEB, 2014. ISSN: 2316-7777.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico.** São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000.

MORIN, Edgar. **Método 4. As idéias,** Porto Alegre, Sulina, 2005.

NOVAES, Luziara Miranda. A educação no terreiro de umbanda centro espírita justiça e amor: Projeto Sucursinho. **Anais do XVII Encontro de História da Anpuh-Rio.** Instituto Multidisciplinar da UFRRJ, Campus Nova Iguaçu, 2016.

OLIVEIRA, Sidney Nilton de. Educação e produção de subjetividades da intolerância: as novas fronteiras da intolerância com a Umbanda. **Revista Brasileira de História das Religiões.** ANPUH, Ano VII, n. 20, Setembro 2014 - ISSN 1983-2850 – Dossiê Mídias, Religiões e Religiosidades.

PAZ, Adilson Meneses da; MESSEDER, Suelly Aldir. Pedrinha miudinha em Arauanda ê, Lajedo: o modo de vida da Umbanda. Antropologia das Populações Afro-brasileiras. **Anais da 68ª Reunião Anual da SBPC.** Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), em Porto Seguro, BA. 2016.

PERINE, Sergio; D´AMBROSIO, Ubiratan. O significado mítico-magístico das figuras geométricas na religião de umbanda e suas construções. Educação Matemática na Contemporaneidade: desafios e possibilidades. **Anais do XII Encontro Nacional de Educação Matemática.** São Paulo – SP, 13 a 16 de julho de 2016.

PIERCE, C. S. **Semiótica.** Trad. José Teixeira Coelho, São Paulo: Perspectiva, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica.** São Paulo, Brasiliense, 1983.